

Comunicação por ocasião dos 15 anos do Fórum Mulher

Por Diogo Milagre, 1º Vice-presidente do Fórum Mulher

É com imenso prazer que me dirijo a todas vós e a todos nós nesta data tão especial. Devo confessar que me senti bastante lisonjeado ao receber o convite para abordar este tão apetecível tema. À partida uma inusitada ânsia apossou-se de mim ao mesmo tempo que puxava do avesso da memória a retrospectiva destes últimos anos, no que concerne às realizações e desafios do Fórum Mulher.

15 anos é muito tempo. São, pelo menos, três mandatos cumpridos de governação democrática moderna. São 5 anos nos ciclos de alternância que os nossos estatutos defendem. Ou seja, são 5 gerações de liderança, cinco programas, se se quiser, todos eles orientados a atender uma multiplicidade de desafios, uns estratégicos, outros práticos, roubando um pouco da teoria das necessidades em género.

Aqui chegados, porém, uma pergunta se me afigura colocar: *O que dizer da importância e papel do Fórum Mulher para a Sociedade Moçambicana?*

Bom, não será inegável começar por inserir contextualmente o FM no panorama interventivo nacional no que diz respeito à advocacia para mudanças estratégicas nos direitos da mulher, na sua emancipação, na equidade dos direitos na perspectiva de género e na emancipação de parte da mentalidade masculina ainda impregnada em percepções tacanhas e retrógradas sobre a relação socialmente construída entre o homem e a mulher.

Este Fórum que completa os seus 15 anos hoje, apresenta-se, pois, como uma voz autorizada que representa o pensamento e sofrimento dos sem voz em matérias de valorização da

mulher e de toda a luta para a construção de uma sociedade baseada em relações de género justas. Tem já um reconhecimento social e político de respeitável dimensão pela sua acção interventora em matéria de sua competência, apresentando as suas posições dentro de um contexto científica e tecnicamente fundamentado e, de certa forma, subsidiando em argumentos as estruturas de tomada de decisões e formulação de políticas no país.

Um olhar sobre a organização funcional interna deixa, à partida, constatar-se uma estrutura sólida, um comando claro e uma liderança actuante que procura sustentar-se de idéias colegialmente discutidas e, de certo modo, consensuais.

O Gabinete, todavia, se, por um lado, se tem assumido verdadeiramente como um sector de coordenação dos anseios da sociedade civil no que tange a assuntos práticos e estratégicos de domínio de género e emancipação da mulher, esta acção é, amiúde, levada a afeito sob a forma de campanha ou programa pontual, redundando-se, assim, à efemeridade.

É importante que este papel seja cada vez mais explicado, transmitido e exposto aos demais membros, entre organizações afiliadas e activistas singulares. É útil que se perceba que a dimensão do Fórum Mulher extravasa o âmbito do seu Gabinete, sendo, efectivamente mais aglutinador e representativo. O Fórum existe a partir dos esforços conjugados e da pertinência sentida por cada um dos membros que o compõem.

Os esforços de capacitação e desenvolvimento institucional das organizações membros, bem como a análise pontual e sempre de forma oportuna dos cenários sociais que atentam contra a causa e valores que o Fórum Mulher perfilha e defende numa sociedade justa, clamam por maior vigor.

Este vigor só poderá ser potenciado quando vingar a percepção de que as especialidades de cada um dos membros constituintes deverão ser aproveitadas em determinados momentos e sempre para a salvaguarda dos interesses comuns mais abrangentes e expressivos do papel social que esta organização presta em defesa da mulher, e por uma mais justa sociedade baseada no equilíbrio de relações e papéis de Género.

No contexto Estratégico e de exposição externa dos princípios, valores e visão norteadores da actuação do Fórum Mulher, há registo de grandes realizações que tornaram esta organização uma referência indispensável no tratamento convicto, acurado e fundamentado de posições transformativas da situação da mulher na realidade moçambicana e, a partir desta, para o mundo.

A advocacia para a introdução de alterações em *modus operandis* dos sectores do Estado, o que ditou o estabelecimento de unidades de género ou as subsecções para o avanço da mulher, culminando com o *mainstreaming do género* em vários domínios, tem muito a dever à acção incansável deste órgão.

A revisão da legislação avulsa com realce particular para a Lei da Família, a Lei de Terra, entre outros, o fortalecimento do emponderamento da mulher a partir da conscientização passando pela emancipação até à auto-estima que começa a ser ou já é apanágio do movimento social valorizador do papel da mulher na sociedade junto do homem, tem muito a dever à advocacia deste órgão.

Ora, estes feitos todos, que, afinal de contas não são mais que a continuidade da luta pela causa que vitimou muitas mártires, têm vindo a ganhar uma expressão emancipatória. Mas é útil referirmos que o movimento feminista, sobretudo o americano que ganhou ímpeto na segunda metade dos anos 60,

defendeu efusivamente e com veemência uma Libertação da mulher que vai para além da emancipação (FREI Betto, 2006).

Este movimento defendia que **emancipar-se é equiparar-se ao homem em direitos jurídicos, políticos e económicos, o que corresponde à busca de igualdade.** Referia ainda que *libertar-se é querer ir mais adiante, marcar a diferença, realçar as condições que regem a alteridade nas relações de Género, de modo a afirmar a mulher como indivíduo autónomo, independente, dotado de plenitude humana e tão sujeito frente ao homem* quanto o homem frente à mulher.

Em sociedades onde ainda pontifica uma estrutura patriarcal vigorosa e retrógada, muitas vezes ancorada na ignorância e no tabu, onde a mulher é vítima activa e passiva da sua opressão estrutural e superestruturalmente, não se rompe esse cativeiro, como no-lo diria Frei Betto, apenas com mudanças jurídicas na sociedade neoliberal. ***É preciso mudar também a superestrutura cultural e psicológica da sociedade e, sobretudo, reinventar formas de produção e de exercícios de poder que tenham as mulheres como sujeitos.***

Enquanto o masculino for o paradigma do feminino (Dama de Ferro!), esse ideal não será alcançado, **a menos que as mulheres descubram que elas são paradigma de si mesmas.**

Perante estes desafios estratégicos e de longo curso, não pretendemos deixar aqui uma mensagem de que as coisas não evoluíram. Houve, com efeito, transformações astronómicas e radicais. Na idade média, por exemplo, considerava-se a mulher um ser inferior ao homem. Bispos e teólogos defenderam que a mulher é «naturalmente» inferior ao homem destinada a obedecer-lhe. Por isso, não podia exercer funções de poder como o sacerdócio.

Questionado se o escravo liberto poderia ser sacerdote, São Tomás de Aquino respondeu que sim, pois o escravo é «

socialmente inferior », enquanto que a mulher é «naturalmente inferior».

É certo que hoje as coisas evoluíram muito. Basta ver que Moçambique está entre os países na vanguarda da igualdade de género nas esferas de direcção política e governação, onde ao nível dos poderes executivo, legislativo e judiciário encontramos a mulher ombreando lado a lado com o parceiro homem e sempre numa projecção crescente.

Mas enfrentamos também desafios de outra índole. O primeiro desafio que temos é o de continuar a caminhada consciencializadora dos direitos e possibilidades da mulher e da necessidade de assumir por si a sua valorização, usando-se a si própria como paradigma da sua transformação.

O segundo é que mesmo entre as intelectualmente beneficiadas no meio urbano, continua a flagrante utilização da mulher como isca de consumo, realçando-se os seus atributos físicos, numa tendência de estabelecer uma relação directa entre o produto e a mulher, o que o psicanalista Freud chamaria de alvos de desejo libidinoso.

Há que desafiar as mentalidades que coisificam a mulher, para uma verdadeira transformação nos papéis e relações de género. Nesta tendência da coisificação da mulher parece que o cosmético e o artificial é mais importante que o saber pensar. Mas mais complicada ainda é a cumplicidade de determinadas mulheres com a imagem que as deprecia e alarga a distância entre a ética e a estética, ao mesmo tempo que se confunde, na relação homem mulher na sociedade, o servilismo com o respeito, o parceirismo com a subordinação.

Na verdade, o desafio que se reserva ao Fórum Mulher é mais que emancipador. Como dizia o Frantz Fanon: ***só matamos o opressor, quando matarmos o oprimido que habita nos nossos corações!!!!*** As transformações na óptica de género só

poderão vingar verdadeiramente, quando todos - homens e mulheres -, activistas destas causas nos autorizarmos a (com)penetrar no nosso interior, a julgar e condenar as nossas cumplicidades pessoais, geralmente não exteriorizadas, de modo a nos purgarmos do estigma que está em cada um de nós, fruto da construção social do feminino e do masculino, que a cultura nos inculuiu.

Só nos libertaremos desta prisão social que a cultura nos inculuiu, se aceitarmos desafiar o lado mau nestas relações entre homens e mulheres e colectivamente reconstruirmos a sociedade moderna baseada num equilíbrio de papéis, dentro do reconhecimento de que as diferenças biológicas são apenas a tradução da nossa complementaridade para a coexistência e continuidade da espécie humana que a todos nós nos valoriza.

Muito obrigado!!!!

-
- (1) **Frei Betto** é escritor e clérigo brasileiro;
 - (2) **Sigmund Freud** é o pai de uma corrente na psicologia conhecida por Psicanálise
 - (3) **Frantz Fanon** foi médico, político e escritor tendo deixado obras como *Peles Negras e Máscaras Brancas*, *Os Condenados da Terra* e *Em Defesa da Revolução Africana*